

Michael Paul Gallagher, S.J.

MAPAS DE FÉ

Dez exploradores religiosos, de Newman a Joseph Ratzinger

Título original:
Faith Maps
ISBN 978-0-8091-4698-7
Copyright © 2010 by Michael Paul Gallagher

Publicado inicialmente, em 2010, por
Darton, Longman and Todd Ltd
1 Spencer Court
140-142 Wandsworth High Street
London SW18 4JJ

Editado na América do Norte por
Paulist Press, Inc.
997 Macarthur Boulevard
Mahwah, New Jersey, 07430
United States of America

Tradução (a partir da edição americana):
Deolinda Maria M. Vila-Chã

Revisão da tradução:
João Vila-Chã, S.J.

Capa:
Editorial Frente e Verso

Paginação:
Editorial Frente e Verso – Braga

Impressão e acabamentos:
Tadinense, Artes Gráficas

ISBN 978-989-98322-4-4
Depósito legal n.º 399573/15

Outubro de 2015

Com todas as licenças necessárias

© Frente e Verso
Rua S. Barnabé, 32
4710-309 Braga
www.frenteverso.pt
livros@snao.pt

INTRODUÇÃO

Aprender com os Grandes

Instruções para viver a vida:

Preste atenção.

Surpreenda-se.

Fale sobre isso.

(Mary Oliver, *Red Bird*)

Não faço ideia de quantas horas da minha vida foram dedicadas aos livros. Ler foi uma parte importante da minha infância na aldeia, nos anos anteriores à televisão. Aquilo que começou com Enid Blyton terminou com Balthasar, com anos de Brontë, Beckett e Bellow de permeio. Depois da aldeia e da escola secundária vieram as universidades e os estudos de literatura. Isto, por sua vez, conduziu a uns vinte anos como professor de literatura no University College de Dublin. Porque também era padre jesuíta, esse longo período de contacto com estudantes trouxe-me até à teologia. Escutá-los era como viver no futuro: aprendi que as certezas da fé tradicional estavam em sério risco, não por causa de dificuldades intelectuais, mas por causa de uma nova cultura, envolvendo todo um conjunto de pressupostos sobre a vida que mudaram. Cresceu em mim uma paixão por fazer com que a fé fizesse sentido neste novo mundo.

Então a vida afastou-me da Irlanda. O plano era ir para o Paraguai, mas acabei por ficar em Roma, onde, após cinco anos no Conselho Pontifício da Cultura, iniciei atividade como professor de Teologia na Universidade Gregoriana. Apesar de ter um doutoramento em Teologia, o meu conhecimento do assunto era diferente do da maioria dos meus colegas. Compreendi que o meu horizonte tinha sido moldado, lentamente mas de modo permanente, por todos aqueles anos de literatura numa universidade estatal. Inicialmente isso parecia uma desvantagem. Eu, simplesmente, não tinha o conhecimento em teologia típico dos meus colegas professores. Mas, depois de algum tempo, compreendi que aquilo que a vida me tinha dado podia ajudar-me a mim próprio, e aos meus estudantes, a encarar as questões da fé de um modo mais imaginativo. Com uma sensibilidade moldada pela literatura e por anos de exposição a uma cultura emergente, eu lia a teologia com olhos diferentes. Mergulhei nos grandes pensadores do século vinte, procurando torná-los compreensíveis às pessoas que tinha conhecido. E isso, muito simplesmente, é o que dá origem a este livro.

Colher para outros

O que aprendi eu em todos estes anos de leituras sobre religião, de estudo ou ensino da teologia e, talvez mais importante, de tentar rezar cada dia da minha vida? O que descobri eu que podia ser comunicado a outros, àqueles que não tiveram as minhas oportunidades de inquirir e refletir? Estas páginas são uma tentativa de recolher as minhas leituras e o pensamento por elas provocado, tornando-o acessível a quem ande à procura de Deus, mesmo àqueles muitos amigos sinceros que me dizem que Deus é tão inconcebível

como irreal – simplesmente fora dos seus caminhos. Inicialmente, quis intitular este livro *Traduzir os Gigantes* (*Translating the Giants*), mas os editores aconselharam-me a encontrar um título menos obscuro. A minha ideia era (e é) traduzir a grande tradição da teologia para aqueles que não puderam visitar estes campos em qualquer dos seus limites. A minha vida, como disse, empurrou-me para este campo, onde passei incontáveis horas a aprender com os grandes nomes, e agora espero servir outros juntando e apresentando-lhes os frutos dessas explorações.

Assim, o objetivo deste livro é muito claro. Espero oferecer a outros os frutos da minha reflexão sobre a fé, uma aventura pessoal que durou meio século. Mais especificamente, quero colher da sabedoria de dez grandes escritores, e deixar que a sua sabedoria chegue a pessoas que não podem dedicar tanto tempo à leitura. O objetivo é captar o que estes «grandes nomes» dizem na linguagem de hoje e de um modo não académico. Estou convencido que muitas pessoas, quer se achem crentes ou não, andam à procura de alimento deste género – uma mistura de cumprimentos de onda inteligentes e espirituais. Cada um dos dez autores explorou questões de significado e de fé, com profundidade e criatividade, mas a maior parte deles pode, pelo menos à primeira vista, parecer de difícil leitura para um público não-especialista. O meu objetivo é fazer com que os seus contributos sejam acessíveis a mais pessoas.

O nosso ponto de focagem não é apenas a existência de Deus. Esta é uma questão certamente importante, mas como tal constitui tópico mais limitado do que aquilo que pretendemos. A Fé é outra coisa. Implica todo o meu ser, não apenas o nível em que sou capaz de argumentar acerca da possibilidade de Deus. Implica toda a história de Deus, tal como revelada em Jesus Cristo, não apenas qualquer ex-

plicação do universo. Recordo uma observação de um jornalista Irlandês sobre o facto de que nos *pubs* se podem, por vezes, ouvir discussões sobre Deus ou a Igreja, mas muito raramente sobre Jesus Cristo. O discurso sobre religião nos *pubs* tende a ficar na superfície. Mas o que eu quero explorar aqui leva-nos para outra lógica e outro comprimento de onda. Discussões externas sobre algum tipo de força sobrenatural (algumas vezes erradamente chamada «Deus») nunca farão justiça à verdadeira fé. É só de dentro dos nossos corações, das nossas mentes, e da nossa humilde procura, que podemos encontrar um caminho que realmente valha a pena percorrer. (Tudo o mais é território de Dawkins¹).

O presente livro intitula-se *Mapas de Fé*² na medida em que nele cada capítulo considera um grande pensador religioso e pergunta de que forma ele ou ela nos poderia indicar a direção da Fé cristã. Centrar-nos-emos mais no modo como podemos mover-nos para a possibilidade da fé religiosa, e menos no conteúdo daquilo em que acreditamos. Tenho consciência, como disse, que muitos dos meus amigos não crentes podem pensar que não têm dicionário, nem gramática para esta linguagem-de-Deus. Eu pedir-lhes-ia simplesmente para entrarem em contacto com as suas próprias questões mais profundas e depois, folheando estas páginas, poderiam começar a apreciar a longa tradição de ponderar a estranheza e a surpresa chamada Deus. Como podemos fazer justiça a esse drama perene de desejo e descoberta de uma forma que faça sentido hoje? Na primeira secção de cada capítulo, um grande pensador será apresentado usando as suas próprias palavras. Após resumir como

¹ Richard Dawkins (1941-), zoólogo britânico, conhecido por obras como *The Selfish Gene* (1976) e *The Blind Watchmaker* (1986). (N.T.)

² *Faith Maps*, no original. (N.T.)

eles procuraram compreender o caminho para a Fé, na maior parte dos capítulos, procuro um comprimento de onda mais experiencial, tentando responder à seguinte pergunta: O que nos diria hoje este pensador? Em oito dos capítulos usei criar um monólogo imaginário, como se fosse falado, agora, por um desses «grandes nomes». De facto, os leitores menos acostumados à teologia poderiam achar mais fácil ler estas secções em primeiro lugar (elas surgem em todos os capítulos, exceto naqueles que tratam de Dorothee Soelle e Joseph Ratzinger, em que uma segunda parte apresentada de modo diferente pareceu ser mais apropriada).

O contexto de hoje

O que é este 'hoje'? Como podemos descrevê-lo? Permitam-me evocar algumas memórias de um mundo que já não existe. Pelo menos no nosso mundo ocidental, quem cresce a brincar numa pequena rua de aldeia ou sem televisão e Internet? E quem cresce hoje com a religião como, supostamente, uma parte natural da vida, desde a oração em família a momentos mais solenes na igreja paroquial, tais como a Bênção do Santíssimo, missões ou Missa solene? 'Éramos como dinamarqueses na Dinamarca o dia todo'³:

³ Citação do poema de Wallace Stevens (1879-1965) intitulado *The Auroras of Autumn* (N.T.):

*We were as Danes in Denmark all day long
And knew each other well, hale-hearted landmen,
For whom the outlandish was another day
Of the week, queerer than Sunday. We thought alike
And that made brothers of us in a home
In which we fed on being brothers, fed*

*And fattened as on a decorous honeycomb.
This drama that we live – We lay sticky with sleep.*

uma citação de Wallace Stevens que resume tudo. Estou a pensar na minha infância na Irlanda, mas isto aplica-se a todo o mundo. Há 60 anos ou mais, a maioria das pessoas vivia com uma mentalidade estilo-aldeia, mesmo no meio de cidades como Nova Iorque. Isto aplicava-se aos católicos nas suas paróquias, mas seguramente também aos crentes de outras religiões, cristãos ou não. Acreditar e pertencer andavam de mãos-dadas.

Hoje é raro que uma criança experimente uma herança religiosa assim, suave e sem problemas. Em todo o mundo ocidental a Igreja tem sofrido uma perda massiva de terreno. Raramente está no centro da vida das pessoas. Na complexidade de hoje, é apenas uma de muitas fontes de significado possíveis, e talvez, neste ponto, uma não muito atrativa. Para grande parte da geração mais nova, o que a Igreja oferece – em termos de ensino, adoração ou imagem espiritual – soa estranho e, muitas vezes, oco e desonesto. Talvez tivessem tido algum contacto na infância, com momentos memoráveis tais como a Primeira Comunhão (um evento facilmente desviado para uma orgia consumista), mas logo que chega a adolescência a linguagem da Igreja pode parecer completamente estranha. Onde encontrarão eles caminhos que conduzam à fé cristã? Provavelmente não através dos sacramentos ou da liturgia, pelo menos como um primeiro passo. Estas são expressões elevadas, ricas quando reais, mas vazias quando não têm base pessoal na «imaginação religiosa» (uma expressão-chave de Newman). Se a Igreja põe todos os seus ovos pastorais no cesto sacramental, então (para misturar metáforas) põe o carro à frente dos bois. As pessoas precisam de descobrir primeiro as suas almas, de recuperar os desejos que um estilo de vida dominante pode sufocar. Então, seriam capazes de acordar para a surpresa do

Evangelho. Isto é o que a «nova evangelização» (tão encorajada pelo Papa João Paulo II) poderia significar: já não pode ser alcançada através da abordagem de uma ‘velha pastoral sacramental’, abordagem essa perfeitamente enquadrada na cultura da minha aldeia.

Este livro assume a morte de uma tradição estável e a chegada de uma cultura complexa. Se o ‘contexto condiciona a consciência’, como diziam os marxistas, é óbvio que este mundo radicalmente mudado tem um enorme impacto sobre a possibilidade da fé religiosa. Nesta nova situação muito poucas pessoas simplesmente herdaram a fé dos seus pais. Mesmo a expressão ‘transmissão da fé’ peca por excesso de confiança, demasiado automática e antiquada. Precisamos de uma agenda diferente de alimento espiritual e reflexão, e os autores explorados nestes capítulos tentaram fornecer alguns dos seus ingredientes essenciais. Apesar das suas muitas diferenças, partilham um objetivo comum: re-pensar e re-apresentar a fé em modos que possam alcançar as pessoas de hoje.

Como pode um livro ajudar as pessoas na sua procura? A leitura pode ser uma atividade solitária, mas os leitores destas páginas são convidados a fazê-la meditativamente. Uma abordagem somente com a cabeça nunca descobrirá o cerne da fé – enquanto amor oferecido e aceite. É um ‘sim’ a um ‘sim’, em que o ‘sim’ eterno que Deus nos dá vem primeiro e o nosso inseguro ‘sim’ de reconhecimento vem sempre mais tarde. Assim, tentarei escrever num espírito de reverência, esperando ser lido num espírito de abertura à imaginação de Deus. Sim, é disso que estamos a falar: como Deus nos convida a imaginar as nossas vidas enquanto fundamentadas num Amor para além de qualquer imaginação. Há quase meio século, o Concílio Vaticano II produziu o

primeiro tratamento sério do ateísmo na história da Igreja. Após intenso debate, o Concílio optou por uma abordagem enraizada no diálogo e no autoquestionamento. Abandonou a tendência prévia de tratar o ateísmo apenas como um erro filosófico perigoso, ou então como um sistema político injusto. Ainda hoje, as palavras de abertura das seções que tratam da descrença são notáveis: falam três vezes de amor e em seguida introduzem o fenômeno do ateísmo como uma incapacidade de reconhecer a revelação bíblica do amor. Desta forma, o ateísmo é visto não como uma rejeição teórica de um Deus distante, mas como uma questão existencial envolvendo uma relação que falta, um convite não reconhecido.

Aqui está uma paráfrase simplificada desse parágrafo de abertura (*Gaudium et spes*, 19):

«O nosso mais elevado objetivo humano é encontrar Deus. Nascemos por amor, mantemo-nos vivos por amor, e a plenitude da vida vem quando reconhecemos este amor e o abraçamos livremente. Mas hoje muitas pessoas, infelizmente, não podem vislumbrar ou perceber esta chamada íntima. Por isso, o ateísmo tornou-se uma das mais sérias questões do nosso tempo».

No seu eloquente discurso de encerramento do Concílio, o Papa Paulo VI sublinhou este novo tom relativo à fé e à descrença:

«O humanismo secular mostrou-se em toda a sua estatura e desafiou o Concílio... O que aconteceu? Um conflito, uma luta, uma condenação? Isso poderia ter sido possível, mas não aconteceu. A velha história do Samaritano tornou-se o modelo da espiritualidade do Concílio. Uma enorme simpatia tomou conta... Assim,

a vós humanistas modernos, embora rejeiteis a transcendência, pedimos para que reconheçais o nosso novo humanismo, porque nós também, nós mais que ninguém, somos cultivadores da humanidade».

Os dez autores visitados nestas páginas exploram a questão da fé neste espírito de diálogo e simpatia (mesmo os que viveram antes do Concílio). Estão intensamente conscientes que abordagens doutrinárias ou abstratas podem não chegar aonde as pessoas hoje estão. Dão-se conta de que muitas pessoas, incluindo às vezes eles próprios, experimentam uma confusão dolorosa sobre o significado último das coisas, sobre a vida da Igreja e mesmo sobre a possibilidade de Deus. O desafio de uma cultura fragmentada estimula-os a tentar fazer sentido da fé em novas situações. Ora é também esse desafio que subjaz à minha tentativa de traduzir estes grandes pensadores, na esperança de ajudar as pessoas a descobrir, ou a redescobrir, a senda do tesouro que leva àquela fé capaz de tudo transformar.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: <i>Aprender com os Grandes</i>	7
Colher para outros	8
O contexto de hoje	11
1. John Henry Newman: o Eu peregrino	17
Três desafios culturais	18
Atenção à predisposição e à consciência	21
Os Sermões da Universidade e a 'probabilidade antecedente'	23
Interioridade existencial e o movimento da mente	25
O papel «realizador» da imaginação	28
<i>Na voz de Newman (um monólogo imaginário)</i>	31
Sinceridade da atitude	32
Começar a partir de dentro	34
A consciência como presença	35
Apreender o real	37
<i>Obras citadas de John Henry Newman</i>	39
2. Maurice Blondel: o teatro do desejo	41
Uma tese ousada	41
Um êxodo purificador	43
Acordar para a náusea	44
Aliados de Deus	46
Luta, consolação, frutificação	47
Conhecer pelo amor	48
<i>Na voz de Blondel (um monólogo/meditação imaginário)</i>	51
Para além de uma vida fragmentada	51
Vislumbrar outra possibilidade	52
Uma encruzilhada de decisão	53
Um fogo oculto	55
A luta quotidiana	55
<i>Obras citadas de Maurice Blondel</i>	58

3. Karl Rahner: o magnetismo do mistério	59
Colapso de uma cultura	61
Interioridade pessoal não visitada	63
Os frutos ocultos da graça	65
Uma viagem oculta do espírito	68
A proximidade de Deus	70
<i>Na voz de Rahner (um monólogo imaginário)</i>	72
O nosso encontro principal com Deus	73
Um movimento para a liberdade	74
Cristo como luz deslumbrante	77
<i>Obras citadas de Karl Rahner</i>	78
4. Hans Urs von Balthasar: o drama da beleza	79
A percepção da glória	81
Uma lógica diferente	83
O drama da liberdade	85
Uma nota de conflito	86
A fé como um Sim a um Sim	88
Aplicação à cultura de hoje: uma reflexão pessoal	89
<i>Na voz de Balthasar (um monólogo imaginário)</i>	91
O custo da liberdade	94
Oração como espaço de aprendizagem	95
<i>Obras citadas de Hans Urs von Balthasar</i>	97
5. Bernard Lonergan: orientação para o dom	99
Novos fundamentos	100
A progressão do saber	101
Entraves à liberdade	103
Estar-apaixonado como transformação	105
A fé como amor-conhecimento	108
Uma conversão afetiva	109
<i>Na voz de Lonergan (um monólogo imaginário)</i>	111
Ultrapassando bloqueios	112
Amado para o amor	113
Para além das crenças – uma nova música	115
<i>Obras citadas de Bernard Lonergan</i>	118
6. Flannery O'Connor: tomar de assalto a imaginação	119
Estratégia de choque	121
Profeta encarnacional	123
O impacto da graça	126
Dois histórias de conversão	128
Limiares do mistério	130
<i>Na voz de O'Connor (um monólogo imaginário)</i>	132
Alargando a imaginação	134
Uma liberdade complexa	136
<i>Obras citadas de Flannery O'Connor</i>	137

7. Dorothee Soelle: fé místico-ativista	139
Ultrapassar a apatia	140
Crítica da religião individualista	141
Para além do mero teísmo	143
Viagens interiores e exteriores	145
Linguagem narrativa e poética	147
Uma família contra-cultural alargada	151
<i>Obras citadas de Dorothee Soelle</i>	156
8. Charles Taylor: as pressões da modernidade	157
Para além do desenvolvimento humano	158
A história complexa da modernidade	160
Tempo, vida normal, natureza íntima	162
Um novo sentido de Deus	164
Espiritualidade, hoje	166
Um amor diferente	168
Em direção à fé transformadora	169
<i>Na voz de Taylor (um monólogo imaginário)</i>	171
Uma secularização mais profunda	171
Para além da neutralidade	172
Uma dimensão importante da humanidade	173
Plenitude como dom	175
<i>Obras citadas de Charles Taylor</i>	176
9. Pierangelo Sequeri: horizontes de confiança	177
Discernir o dano	178
Aprender com a estética	181
A confiança como porta de entrada	183
O espaço de oração de Cristo	185
O choque da Ressurreição	186
Unindo os elementos constituintes	188
<i>Na voz de Sequeri</i>	189
Uma abertura para a revelação	190
A revolução de Tomé	192
<i>Obras citadas de Pierangelo Sequeri</i>	194
10. Joseph Ratzinger: Deus com rosto humano	195
Crítica da cultura contemporânea	195
Um tom mais positivo e pastoral	198
Uma realidade eclesial	199
O Logos torna-se Amor	202
Dureza e beleza	204
<i>Depois de abril de 2005</i>	206
Alargar a agenda da racionalidade	208
A fé como realidade frágil e gradual	208
Os frutos sociais da fé	209
Discernimento da cultura	210

Fé como resposta ao amor como verdade	211
Singularidade de Cristo: Logos como amor encarnado	211
Fé e razão: purificação mútua	212
Conclusão	213
<i>Obras citadas de Joseph Ratzinger/Bento XVI</i>	215
Conclusão: Pilares convergentes de sabedoria	217
Desejo e incerteza	218
Um triângulo inicial	219
Em direção a sete pilares de sabedoria	221
<i>Primeiro Pilar: a sabedoria da pertença</i>	222
<i>Segundo Pilar: o mundo da reflexão</i>	223
<i>Terceiro Pilar: o drama íntimo</i>	224
<i>Quarto Pilar: «Se não vos tornardes como uma criança»</i>	227
<i>Quinto Pilar: a Palavra feita carne</i>	228
<i>Sexto Pilar: através de um vidro sombriamente</i>	229
<i>Sétimo Pilar: praticar a verdade</i>	231
Em direção àquilo que é «mais do que podemos imaginar»	233
Índice	235